



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIII — N.º 354 — Preço 1\$00  
5 DE OUTUBRO DE 1957

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS  
Vales de correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

## MARÉ CHEIA

PAÇO de Sousa, 3.ª feira, 1 de Agosto de 1950. — Os rapazes com missão de chefia, em todas as Casas do Gaiato, reuniram-se, chamados por Pai Américo a tomar mais consciência da sua responsabilidade.

Paço de Sousa, 3.ª feira, 24 de Setembro de 1957 — De novo junto o pequenino mundo da Obra da Rua: Setúbal, Lisboa e Tojal, Miranda e Coimbra, Porto, Paço de Sousa e Beire.

As oito comunidades. Vinte e três rapazes e os seus cinco padres.

Vêm aí os nossos 18 anos de existência. Já se loriga a maioridade. Estamos ao nível que nos compete?

Eis o que importava examinar, para aprendermos do passado e do presente as correcções do futuro. Uma visão verdadeira de muitos passos certos que nos estimulam a prosseguir e de alguns menos certos que nos previnem do perigo de desvios.

O manual deste exame não podia deixar de ser outro senão o mesmo que em separata deste número ofertamos a todos os leitores: «Do Fundamento da Obra da Rua e do teor dos seus obreiros».

Mas quem os obreiros? É certo que Pai Américo escreveu aquela Regra primariamente para os seus Padres. Mas numa Obra para rapazes, que Pai Américo quis que fosse deles e por eles, não há actor sem papel. Não há figurantes. «... O objecto principal e total da Obra é o rapaz...» Mas ele é também sujeito da acção que procura aquele objecto. Obreiros — são todos os rapazes, dos «batatitas» que cuidam da lenha ou do cascalho ao chefe da mais responsável das nossas oficinas. Mas são-no de modo bem particular aqueles que Deus chama pelo tempo em fora a postos de direcção. E ainda mais os «raros» que Deus chama a permanecer, para continuidade da Obra.

Não há lugar para os passivos. O que quiser colher sem o esforço da sementeira e da cultura, esse não é digno. «De resto, a experiência ensina que o rapaz da rua se elimina por si mesmo quando lhe falta a capacidade moral de suportar o clima da Obra».

Se obreiros, e de modo bem particular aqueles vinte e três

que ora se reuniram com seus padres, havia que examinar a sério a nossa correspondência às armas mestras da nossa acção: a *formação do espírito* («As grandes aflições dos «Padres da Rua» tenham aqui a sua origem: *vale mais a alma do que o corpo*); e o *trabalho* («A vida de trabalho deve seguir a par. Um dia de trabalho corresponde a uma noite tranquila e são»).

Antes, porém, P.e Acílio falou da acção dos «padres da rua» fora das Casas do Gaiato, de como aí mesmo o rapaz responsável dentro da Obra deve participar da nossa missão, ao menos, pelo esforço de compensação do que aquela actividade nos furta ao convívio dos rapazes.

O Domingos disse o que a sua experiência lhe tem ensinado sobre a necessidade duma preparação realista para a vida dura que lá fora é. E o Carlos do Tojal, que há um ano vem suportando, quase sozinho, o peso tremendo de governar uma comunidade de cem, numa quinta de 13 hectares, provou que o sonho de Pai Américo não é miragem: «A tendência da Obra é que sejam rapazes os seus próprios continuadores; ...É melhor que os trabalhos agrícolas, as indústrias e mais actividades, sejam dirigidas e exploradas por rapazes idóneos, segundo a escolha do Superior, a quem devem prestar contas e dar todos os esclarecimentos».

Quem conhece Paço de Sousa, sabe que cada casa abriga duas «famílias» de viver independente, cada qual chefiada por um deles, «o pai de família», «queimado interiormente»



Depois da reunião houve um almoço na «Casa da Mata», tal como há sete anos. Isto foi um «Congresso» e nunca se viu deles sem banquete!!

pela sorte dos seus rapazes. Esta foi a intenção de Pai Américo: que cada rapaz pudesse encontrar apoio e carinho pertinho de si, num irmão que veio de onde ele e, por graça de Deus, chegou aonde está; a dizer-lhe, mesmo sem palavras, que todos podem, pela mesma Força, o que ele pôde.

Se não tivéramos tanto que pôr no Jornal, diríamos aqui algumas traições dolorosas a este ideal e também as maravilhas que neste campo se têm operado sob as nossas telhas. O Quim revelou um bocadinho do Mistério da Graça ministrada pelas mãos de homens pecadores.

Mas, em que consiste a essência da formação espiritual dum leigo, que se prepara para uma vida de trabalho, quase sempre, manual?

Era preciso esclarecer conceitos e pôr a perfeição ao alcance do homem, como de verdade está. Padre Manuel António encarregou-se — e com que beleza!



Aos pés da Capela, o grupo dos «congressistas», não contando o «Dado».

— de desfazer o medo da santidade.

Ora quando o clima é propício e a terra é boa surgem espontaneamente frutos que ninguém tratou. Assim, há inegá-

veis sintomas de que progredimos no viver *naturalmente* o Sobrenatural. Ali, naquela mesa redonda de vinte e três rapazes e seus padres, presididos por N. — Continua na 4.ª Pág.

## Reunião Familiar da Obra da Rua

DANIEL BORGES DA SILVA

VINTE e quatro de Setembro. Dia de Nossa Senhora das Graças. Dentre muitas que temos recebido, a dos irmãos que têm responsabilidades na Obra, foi das maiores. Dia feliz para toda a comunidade dos gaiatos. Festa feliz, pois os nossos corações ergueram-se mais ao Alto. Ficámos mais confiantes e contraímos mais responsabilidades.

Começou na Capela, onde toda a Família tomou parte na grande recordação do Calvário. Dizemos bem, pois o Sacrifício de há dois mil anos feito pelo Mestre é renovado. Foi celebrado o Sr. Padre Carlos, acolitado pelos sacerdotes mais novos, Srs. Padres Manuel António e Acílio. Estavam também presentes, como não podia deixar de ser, o Sr. P.e Horácio e o Senhor Padre Baptista.

Depois do pequeno almoço houve a grande reunião familiar. Estavam todos os padres e os chefes de todas as Casas espalhadas pelo país, numa das salas das nossas escolas.

Cantámos o «Veni Creator Spiritu» e depois todos falaram das virtudes e fraquezas nossas no serviço da nossa Obra. Dos problemas que ocupavam primordial importância em nossas consciências. Males que precisam de ser remediados e bens que precisam de ser dilatados.

Foram, enfim, focados todos os problemas que é preciso resolver. Da discussão nasce a luz e esta foi uma luz familiar.

Este proveitoso encontro serviu de incentivo para o futuro. Como muito bem disse o Sr. Padre Carlos, os seus frutos, no devido tempo, aparecerão. Fizemos um juízo do que se tem feito. Se temos trilhado o melhor caminho. Se fizemos muito, se pouco. Um juízo sério.

Não podíamos esquecer o Pai Américo. É ele quem dá as ordens aos nossos irmãos mais velhos que são os Padres da Rua. Estes aos chefes, que são os que se encontram mais pertinho.

Depois, actuando bem, seremos todos os felizes distribuidores do «Maná» enviado, que nos vai saciar, dar novos alentos, tornar mais diligentes e fecundos. A semente deve continuar a germinar. Depois virão os rebentos, os deliciosos frutos.

Para que assim seja é preciso que broze, cheio de viço, o ramo da confiança! Primeiro em nós rapazes. Depois em nossos superiores. Sem confiança não existe o Amor e este é o fruto das grandes coisas. Sem este não pode haver união, entendimento mú-

— Continua na 4.ª Pág.

# SETUBAL

Vivemos em pleno campo. Aqui tudo convida à alegria sã, que se espelha, por Deus, no rosto franco dos rapazes. O ambiente proporciona: ar, vegetação e passarada a chilrear. Os pássaros são aos bandos. E atrás deles a malta toda. Não há domingo sem armadilha e patiscada saborosa. Estão integradas na vida da Casa, a bem das searas. Por via disso, toda a minha gente anda com fósforos nas algibeiras, para os assados.

Outro dia, a calma ajuda e as chamas duma fogueira sobem lesto à ramada dos sobreiros. O caso apresenta-se feio. Não tardam vasilhas a carregar água. Um feiço desde a bica ao local. Rapidez, coragem, energia e o braseiro extingue-se. Chamo à pedra os culpados: Bucha II e Marreco. Faço notar-lhes os perigos da imprudência e as consequências imprevisíveis de actos praticados levianamente. Falo-lhes muito a sério para que os restantes decorem a lição.

Partem todos aos seus postos e fico a pensar comigo mesmo que também estes são fruto de leviandade, a sofrer desde muito cedo e inocentemente os resultados daquela. Não têm pais, nem família, nem sentiram nunca o bafo materno. Tudo direitos recusados pela sociedade moderna, onde os indivíduos vivem na irreflexão e inconsciência dos próprios actos. Quando se perde o sentido de Deus olvidam-se sem escrúpulos os princípios naturais que Ele estabeleceu. Ora, os tempos presentes não gozam a felicidade de pressentir Deus. Não Lhe podem, pois, respeitar as leis nem admirar os valores que d'Ele promanam.

Os dois culpados são abandonados de pais. Nem sombra deles. Por assim acontecer, arribaram a este refúgio de naufragos da rua.

Este género de abandono, de que estão repletas as nossas Ca-

sas, é o mais frequente e revoltante. Quando as vítimas adquirem consciência plena da sua situação, sentem-se inferiorizados e insurgem-se interiormente contra quem os rejeitou, e mais ainda contra quem tolerou que assim fosse. Esta revolta é grito justo perante uma injustiça. A lei não é conforme com a natureza. Todo o Homem tem direito de conhecer os seus progenitores. Ora, a lei consente como incógnito aquilo que o não é. Sanciona, portanto uma injustiça. Ora, por causa da inconsciência e da tolerância, os inocentes encontram-se a sofrer.

Além deste, registam-se outros graus de abandono. Há-os sem pais em consequência de desastres morais ou porque falecidos. Há-os com eles, mas sem as condições necessárias para a vida e por isso ditos abandonados da sociedade.

Isto que em nossas casas se verifica é expoente do que vai fora delas. São por aí avalanche de crianças carecendo de mãos que as tomem e lhes dispensem carinho que os pais negam, ou não podem dar. E deste desamparo rebentam normalmente criminosos e viciados, pesos mortos e prejudiciais.

A criança vadia por situação dá-se a pedir, se porventura ainda ignora o que seja furtar. Cresce, peregrina e vicia-se. Entretanto a sociedade prepara-se para a defesa. É tardia a hora. Inadvertida, votando-as ao esquecimento, aquela cavou a própria ruína.

Tanto abandono e tão pouco jeito de o ver suprimido! A tarefa que à sociedade incumbe, julga-se cuidado de uns tantos e ninguém actua. Entretanto, a rejeição irreflectida da sociedade para com um dos seus membros pode abrir porta à derrocada. Basta um fósforo para um incêndio.

Padre Baptista

## Pneus

Os pais de família numerosa conhecem bem o «golpe» que é vestir e calçar ao mesmo tempo todos os seus filhos.

Ora sucede que a grande nau que a nossa Obra é exige já uma frota razoável de veículos automóveis. E sucedeu ainda que ao mesmo tempo quase todos eles ficaram descalços. Tractor e atrelado, furgoneta Borgward e três pneus do Morris. Que fazer?

Batemos à porta da Mabor. Pedimos uma redução de preço. E na volta do correio veio Alguém de lá ver in loco o que precisávamos e logo a seguir veio o que precisávamos, sem precisarmos nós de mandar para lá mais nada.

Viva a Mabor!

# EM CALDELAS

Caldelas é no Minho a vinte e poucos quilómetros de Braga.

As águas privilegiadas com que a Natureza dotou esta terra são procuradas por muita gente. Por nós, também. E já não é a primeira vez que vimos para aqui. Não por luxo, muito menos por gosto. A saúde exige e a saúde é um bem inestimável que Deus obriga a conservar.

Como de costume estamos na Pensão Universal onde somos alvo de tanto carinho! É a casa amiga de um Amigo.

Da direcção clínica das «Aguas» também é impossível dizer quanto foi solícita em atenções. E tudo isto porquê? Por mim? Não. Eu não valho nada. Por via da Obra, sim. Se me amam, se me querem, se me olham com olhos diferentes, é tudo por via dela. Que responsabilidade, Senhor!

Embaixadores da Obra. Hemos de ser todos e cada um nos mais diversos pontos onde nos encontramos. Seja agora, seja amanhã — até à derradeira hora. Desde pequeno eu noto — e Deus me dá sempre esta graça — eu noto, dizia, a responsabilidade que nos cabe extra-muros. O mundo vê em cada um de nós todo o Edifício idealizado e construído pelo Pai Américo. Por isso nos ama tanto onde a gente chega! Embaixadores; representantes de um Património

dos mais sagrados, dos mais queridos de Portugal.

Por cá não faltam caras conhecidas. Muitas, de muitos lados. Do Porto nem se fala. Ocasionalmente houve que não tinha mãos a medir de perguntas, de interesse pela nossa vida.

A Obra, ponto de muitas conversas. Não admira: é a Palavra Nova que brota da Seiva legada por Cristo. E, porque de Cristo, que há nela que envelheça? Se Ele é Eternidade...

Era duma vez um Senhor — um Vicentino — posso dizer esgotado e doente mais por via da sua candição de Recoveiro dos Pobres. Entretinha-se com mais três companheiros. Jogavam, não sei o quê. Ao lado uma roda de gente boa. Assunto: a Obra da Rua.

— Eu nunca fiz tanto sacrifício como ontem!

— Então?

— Eu queria deixar de jogar só para prestar atenção e entrar na conversa.

— Você tem de aparecer.

— Quando quiser.

Combinámos dia e hora. E eu apareci no Grande Hotel de Caldelas.

— Vamos prá varanda.

Ar puro. Panoramas. Beleza. Cadeiras de encosto. Um amor!

Depressa se junta um pequenino núcleo de senhoras e cavalheiros.

— Diga lá coisas da vossa Obra.

Eu disse coisas. E todos disseram.

Por fim um dos presentes levanta a voz: «É preciso que desta nossa reunião saia uma resolução prática. Pode ser uma festa no salão». Olhámos uns prós outros. Aprovação geral. Tão cheios ficámos das palavras daquele

nosso Amigo que imediatamente entramos em pormenores e largámos as cadeiras e fomos direitinhos a Braga por um disco com uma palestra de Pai Américo. As portas a que batemos abrimos-se. Tudo boa vontade e muito amor. Depois, a vez do Gerente do «Grande Hotel de Caldelas». Um sorriso nos lábios aprova a ideia e franqueia o salão. Marcamos data. Espalhamos a notícia.

Chega o dia. Fora chuva durante todo ele. Eram nove e o salão começa a encher. Nove e um quarto e o salão repleto. Máquina de gravar a postos.

A maioria dos sacerdotes em tratamento não falta — presença da Igreja. A páginas tantas um dos promotores toma a palavra. É amigo dos primeiros tempos. Diz tão bem o que sente e sabe que a assistência não perde uma palavra. Cristão. Um Cristão fala assim. Respira e transpira Cristo. O ambiente aquece. É o momento de dar o recado: «assinantes pró Jornal». Segue-se a palestra — o prato forte. Vamos ouvir e recordar Pai Américo. Mais silêncio. Mais recolhimento. A voz sai tão fresca, tão límpida que, por vezes, dá a sensação de presença física. Por isso a assistência vibra. Ri e chora.

Antes de abalar todos se desobrigaram: 1.302\$50. E eu estou onde me colocaram: junto de uma secretária, caneta em punho, à espera de assinantes pró «Famoso». E vem um. Mais outro. E outro e outros e são 14 deles. Todos — o que é muito simpático — com dinheiro em frente. Aqueles 14 é uma conta muito linda, que a maioria dos presentes já assinou e lê.

Como remate, que isto já vai longo, eu quero dizer uma palavrinha de agradecimento a todos que directa ou indirectamente colaboraram na festa. Nomes? Pessoas? O recado vai de cá: «Não ponham nomes. Continuem a velha escola do Gaiato».

Júlio Mendes

## Vitória da Igreja

No dia 25 de Agosto estiveram reunidos em Roma, mais de 35 mil operários cristãos. Muitos mais ficaram nas suas terras. O mundo jocista é mais amplo, mais extenso. Mas nem todos puderam ir à Cidade Eterna. Sua Santidade, no seu longo, útil e oportuno discurso, disse que a força da Igreja estava ali, junto dele, pedindo a Deus a conversão de todo o mundo. E é verdade. Em Roma, no dia 25, não só estavam reunidos os jocistas, como também, 500 mil cristãos. Uma grande vitória da Igreja.

Todos sabem que a grandeza desta peregrinação se baseia no sacrifício, no esforço e na fé de todos aqueles que deram à JOC

todo o seu entusiasmo, todo o seu amor e toda a sua vida. A JOC é um núcleo da Acção Católica. Acção, significa Vida. Por isso, é preciso que ninguém duvide que a JOC faz parte da Igreja e que constantemente andam de mãos dadas. «Alma sã, em corpo são». A alma da Juventude. O Corpo da Igreja.

Como fiquei maravilhado com o que vi. Quanto não terei eu que agradecer esta dívida, esta abegria que Deus me concedeu. Que responsabilidades eu não tenho perante os meus irmãos que ficaram. O quanto eu lhes devo. Eu não era digno desta felicidade.

Todos saíram de Roma cheios da graça Divina, de bons propósitos e de Fé. Da boca de todos se ouviram maravilhas. Corações ao alto, passos firmes e decisivos. O caminho é estreito e difícil. É preciso lutar. E todos trouxeram força e vontade, para alcançarem para Cristo mais um batalhão de jocistas, se possível mais 35 mil operários cristãos. Eles não faltam nas nossas fábricas e oficinas. Trabalhemos pois. A seara é grande. É preciso trabalhar muito para que a colheita seja boa.

Eu gostaria de reproduzir aqui alguns testemunhos de outros rapazes que a Roma foram prestar homenagem ao representante de Cristo nesta Terra de pecado, que é o mundo. Deus bem sabe quanto ele tem sofrido por amor da Sua Igreja. Sim, eu gostaria mas o espaço do nosso jornal não dá para nos estendermos à nossa vontade, porque há outros rapazes que também querem escrever. No entanto eu atrevo-me a apresentar aqui as palavras dum africano. «A JOC chama-nos ao apostolado da Igreja ensinando a sua doutrina. Nós, como jocistas, aceitamos o seu chamamento para trabalharmos pela salvação da Juventude para Cristo».

— Continua na 4.ª Pág.



## TRIBUNA DE COIMBRA

No rescaldo desta época balnear, queremos ter uma palavra de Doutrina para todos os organizadores, orientadores e responsáveis de colónias de férias. É esta palavra de Doutrina não é para atingir cada um em si mesmo, mas sim ir ao encontro da criança beneficiada.

Quando, por volta de 1930, Pai Américo organizou a primeira colónia de campo, nunca ele supôs que as colónias de férias se tornariam uma coisa tão banal. Os homens, ao lidar com as coisas, por importantes e delicadas que elas sejam, têm o condão de as banalizar.

Hoje toda a gente quer organizar colónias. Não interessa qual o fim que se tem em vista, nem os meios de que lançar mão, nem qual o ambiente em que se põe a criança; o que interessa é realizar e espalhar a notícia.

Muitas vezes não se olha a quem precisa e muito menos se

olha a quem se vão entregar as crianças. E a criança é sempre um grande tesouro; pobre ou rica, — é o do mesmo modo. É um grande tesouro, porque filha de Deus, e composta de alma e corpo, e por isso, com destino eterno. E as colónias de férias nem sempre visam este ponto, que é o mais importante.

O primeiro cuidado do orientador da colónia de férias de crianças pobres deve ser a educação da criança. O maior mal actual da sociedade não é a escassez de dinheiro, nem a crise de trabalho, nem a deficiência de justiça social, mas a falta de educação e formação. E esta falta nota-se ainda mais nas famílias pobres a tombar para a miséria, donde se devem recrutar as crianças. Os filhos nascem já no abandono. O pai geralmente não se interessa. Quando começam a abrir os olhos já não aceitam a autoridade da mãe;

partem de casa pela manhã, ou para a rua, ou para o rio, e só regressam já altas horas. Não sabem o que é o trabalho e desconhecem o que é obedecer; em casa não se fala em Deus nem nos deveres cívicos de cada um; hábitos de limpeza não os há.

E nos nossos recrutamentos temos de ir primeiro a estes. Não só para lhes matar a fome e fortalecer os pulmões, mas para fortificar a vontade, cultivar-lhes o espírito, esclarecer-lhes a inteligência, disciplinar-lhes o instinto.

Daí a necessidade de lugares cheios de sol e sombra e ar; pessoas que saibam organizar jogos, ocupando-lhes o tempo, tornando-os úteis, ensinando-os a amar a Deus e uns aos outros. Fazer compreender à criança o amor mútuo, dar-lhe a noção da classe e justiça social; fazer-lhe

Cândido Pereira



e do teor de seus obreiros

# OBRA DA RUA

Do fundamento da

Os «Padres da Rua» ao serviço da Obra podem, naturalmente, pedir ao Superior e retirar dos dinheiros correntes o necessário para as suas legítimas necessidades; o padre vive do altar. Mas não podem, em consciência, ter a sua bolsa. Não podem de maneira nenhuma fazer seu qualquer emolumento que porventura lhe seja pessoalmente atribuído. Não devem ser solícitos. Eles dão tudo à Obra e recebem tudo da Obra.

Os «Padres da Rua» são, dentro da Obra, o toque espiritual das almas que lhes estão confiadas. Eles são por natureza o pai de famílias; o homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a morte. Não se molestem e sofram com paciência até ao fim, a ingratidão dos a quem servem, se a houver. É o sal. É a recompensa divina; eles são servos de Deus. Por estas dores, chega-se mais depressa à contemplação do **Homem das Dores**, que levou a vida mortal a servir. Assim como Ele, também os «Padres da Rua». Lembrem-se e compreendam que o **objecto principal e total** da Obra é o rapaz, ao qual, de maneira nenhuma podem sobrepor questões de ordem secundária; eles são da Obra por amor do rapaz. Em casos muito graves, e depois de consultar o Superior, pode dar-se uma transferência, mas nunca a expulsão; os pais de família não mandam embora os seus filhos. De resto, a experiência ensina que o rapaz da rua se elimina por si mesmo, quando lhe falta a capacidade moral de suportar o clima da Obra.

A **Obra da Rua** é o amparo da criança abandonada. Ela prefere os mais repelentes. Os mais difíceis. Os mais viciosos. A Obra nasceu com este espírito e assim tem de continuar, para ser através dos tempos uma palavra nova. Que ninguém jamais deturpe. No dia em que, por desgraça, se viesse a receber a criança com dote por uma que o não tem; se viesse a tomar a criança bem comportada por uma que o não é — nesse dia entrava a maldição de Deus no seio da Obra. Era a sua decadência.

O padrão da Obra é a família; vida familiar. Eis a escola natural da sólida formação do homem. Tudo quanto seja regresso a Nazaré, é progresso social cristão. Não há sistemas. Não há regras. Não há estatutos. Há a intuição.

O uso de castigos corporais, aonde não possa ser totalmente banido, seja escrupulosamente aplicado; vale mais a palavra amiga, conveniente e oportuna.

A Justiça é a primeira arma de combate aos vícios, às quedas e más inclinações do rapaz. Ela persuade, encoraja, dá brio; é irmã gémea do Decálogo. Por isso, o que preside, tem de se munir desta arma para todos os casos, ainda os mais insignificantes, sabendo que, quanto mais tenra for a idade, mais vivo é na criança o sentimento da Justiça.

A vida religiosa nas nossas comunidades, seja o centro. As grandes aflições dos «Padres da Rua» tenham aqui a sua origem; **vale mais a alma do que o corpo.**

Por ela, pela alma dos rapazes, sangrem os

## PELAS CASAS DO GAIATO

## CARTA DO ABEL

## LAR DO PORTO

Não tenho esquecimento deste cantinho, por esquecimento, ou talvez, por preguiça. Agora ao menos são boas.

— No dia 31 saíram deste Lar, mais dois rapazes, para enfrentarem a vida tal qual como é.

O Lourenço e o Teixeira, tendo já atingido uma certa idade e condições razoáveis, tanto materialmente como espiritualmente, foram, como é costume, convidados pelo Senhor Padre Carlos a dar o lugar a outros, os quais não recusaram.

Que alegria para esta Obra. Quem dera que todos os filhos do Pai Américo se retirassem como estes acima referidos, o que infelizmente não acontece. Uns porque não estão satisfeitos com a liberdade que têm, outros não olham aos conselhos dos superiores e governam-se segundo a sua vontade, vindo por fim a cair novamente na rua.

A todo o filho desta Obra, que deixa conduzir a sua barca até terra firme, as portas não se fecharão; pelo contrário, mais escancaradas ficam. A estes dois irmãos, a comunidade deseja-lhes muitas felicidades, e que saibam levar a cruz até ao cimo do Calvário.

— Donativos que nos mandaram:

Os Empregados do Tribunal de S. João Novo, ofereceram para o nosso pequeno time de futebol um equipamento quase completo, não tendo faltado a bola. Que alegria para a rapaziada! Já temos campo para treinar todos os domingos, que a Direcção do Bonfim F. Clube se dignou emprestar-nos. Os donativos não ficam por aqui e a procissão continua.

Dum anónimo do Porto 3 fatos e mais algumas roupas. D. Aldora, um embrulho com roupas e selos. Logo atrás, três anónimos com diversas roupas e um colchão completamente novo. Alguém que ouviu falar no Rink de Patinagem em Paço de Sousa, enviou-nos uns patins, que, talvez se estraguem antes do recinto estar pronto. Logo em seguida uma Senhora com medicamentos e vários livros escolares. Daqui a pouco estamos todos doutores.

— Caros leitores, a nossa Biblioteca tem umas lindas estantes, mas o que elas não têm são lindos livros. Para terminar uma leitora de Beire — Paredes, mandou-nos um embrulho com retalhos, mas todos muito pequenos e as janelas da nossa casa são tão grandes.

Amigas e leitores, olhem para as suas janelas e lembrem-se das nossas.

Fernando Dias

## BEIRE

Caros leitores, como sabem, eu tinha mandado pedir uma harmónica. Mas nada me chegou às mãos. Por isso os leitores não tenham medo de mandar as coisas aqui para a Casa do Gaiato de Beiro — Paredes. Porque já disse, e torno a dizer, que isto já foi dito no tempo do nosso querido Pai Américo. Se mandam para Paço de Sousa faz muita confusão. No tempo do meu antecessor recebiam-se mais roupas para os pobres, e posso ficar sossegado com as roupas, mimos para os nossos pobres de fora e doentes do Calvário, porque sei que os Senhores daqui em diante tendo devoção de ser para aqui enviam.

— Domingo, dia 8, foi o casamento do nosso irmão Abel Braga. Nesse dia tivemos cá a Missa celebrada pelo Sr. Padre Acílio na nossa capela. Foi nesse dia que a Igreja comemorou a festa do nascimento de Mãe de Deus, e também o nascimento de mais um lar para a Obra da Rua. E que Deus faça dele um homem para servir a Pátria, e principalmente a Obra da Rua. E aqui vão os meus sinceros e respeitáveis cumprimentos do vosso amigo,

ZÉQUITA

P. S. — Zéquita acrescenta entre parênteses à sua crónica «que não cortem nada». Eu assim faço. Porém, já que não corto, por amor à verdade de toda, acrescento que Zéquita sabe muito bem que veio uma

harmónica para ele (e mui tirone!) e que até já ma pediu. E sabe muito bem porque lha não dei, nem dou: espero que a mereça.

Cuidado pois, Zéquita no ir buscar da lá. Não vás ficar tosquido...

## TOJAL

É pela primeira vez que desrevo no nosso Jornal e espero não desagradar aos nossos estimados leitores.

— Princípio por dizer que este ano ficámos muito contentes com as nossas colheitas de trigo que foram nove toneladas, não querendo dizer com isso que não demos conta de tanto trigo. Sim, é muito trigo, mas são muitas as bocas que se consolam em o comer, e não se contentam em comer uma buchazinha; querem mais.

— Tivemos 1.013 fardos de palha os quais vão servir para faltar o nosso gado. Esperamos ter também em milho quatro toneladas dele, e tudo isto devemos a um Senhor que mora a dois passos da nossa Casa. Porque se não fosse a sua ajuda não teríamos tanto como tivemos. É um dos maiores amigos que temos e nunca está cansado de nos receber. Mas lá virá um dia que Deus lhe dará a recompensa do bem que tem prestado à nossa Obra.

— Fruta tememos em abundância, mas acabou-se depressa, porque costumava-se dizer que o que é bom depressa se consome. Também não admira, pois somos 110 rapazes permanentes na mesa.

— Vendo muito triste de Lisboa. Todos os 15 dias lá vão vender 18 rapazes da nossa Casa. Saem cedinho para virem na furgoneta às três horas. Claro que vêm tristes por lá venderem muito pouco.

Ora reparem: No Porto que é muito mais pequena a cidade por quinhenta e seis mil jornais por quinzena. E em Lisboa? Lisboa vende só dois mil e sabe-se lá que sacrifício os nossos rapazes passam. Por vezes são alguns Piores que não deixam; outras vezes os polícias que nos ameaçam com a cadeia. Até parece mentira tudo isto, mas olhem que é pura verdade.

Razão tinha o Pai Américo de exclamar: «Ai Porto, Porto, quão tarde te conheci!»

Em Lisboa não se pode vender num Café; os polícias implicam; os Piores também não gostam. O que é que se há-de fazer neste meio tão egoísta?

Senhores Piores, senhores Polícias, Senhores dos Cafés, convençam-se que isto tem de mudar de figura. Este mensageiro de Evangelho tem que ser vendido por vossa livre vontade. Basta o vosso inteiro consentimento naquilo que é vosso. Se assim for, teremos um rival do Porto. Valeu?

Carlos

Postal  
de Santa Margarida

O Cândido não veio à reunião.

Dos que deveriam, estar foi o único fisicamente ausente. Mas não o esteve, de facto. A riqueza da Comunhão dos Santos!

Eis o eco da sua presença: «S.ta Margarida, 24/9/57

Senhor Padre Carlos:

Este é bem o dia da Senhora das Graças, pois que para mim há três motivos que bastante me alegam. A reunião dos nossos maiores; o quem estarei espiritualmente; o final das manobras militares de 1957 e finalmente o aniversário natalício da minha Ana, que hoje completa 20 de idade. Como vê, três motivos de alegria neste dia de Nossa Senhora das Graças, que de Nossas por completo a minha alma e o meu coração de regozijo. Graças a Deus.

Cândido.

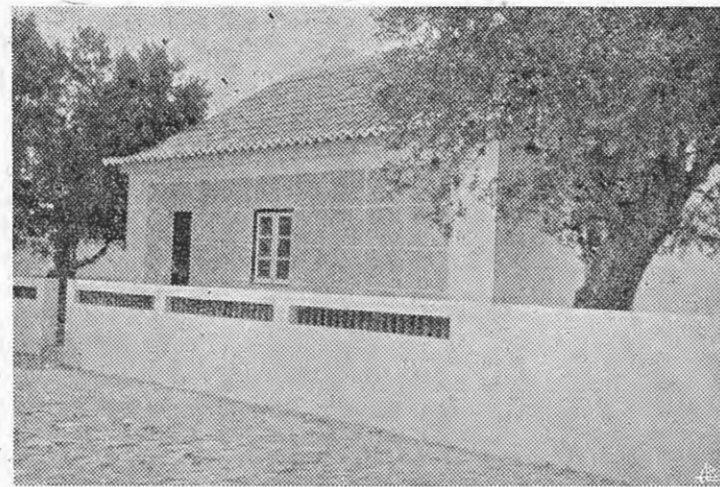
«Espero que ao receber esta nossa carta a saúde seja ótima, na companhia de todos os meus irmãos, que nós graças a Deus encontramos-nos bem.

Esta tem o fim de comunicar como decorreu toda a nossa viagem. Saímos daí ao meio-dia, fomos até Beire. Visitámos tudo e no fim a senhora ofereceu-nos uma prenda, que constou de seis guardanapos e uma toalha de linho. Despedimo-nos e fomos até Espinho. Aqui tivemos que comer por ser já tarde. Depois disto mostrei-lhe a praia, o mar estava muito bravo. Continuando, fomos até Mira. Em casa estavam só os rapazes com a mãe do Sr. Padre Horácio, porque ele tinha ido fazer o peditório e ainda não tinha chegado. Esperamos um pouco a ver se vinha, mas a demora estava a ser prolongada e estava a fazer-se tarde para o resto da viagem. Em nome do Sr. Padre Horácio e dos rapazes, os que estavam presentes ofereceram-nos dois lindos quadros, um do Sagrado Coração de Maria, outro do Sagrado Coração de Jesus.

Quando chegámos à Figueira da Foz encontramos os nossos vendedores; chamei-os e perguntei-lhes se me sabiam dizer do Sr. P.e Horácio. «Que sim, prometeu-nos estar aqui às seis horas». Mas já eram sete menos pouco e ainda não estava. Resolvemos esperar, pois que passados cinco minutos chegou. Falámos com ele. Ficou muito satisfeito com isso e nós ainda mais.

Como era nosso desejo e do Senhor Padre Carlos, seguimos a nossa viagem rumo a Fátima. Chegámos à noite. Aqui prestamos homenagem a N. Senhora e agradecemos-lhe todos os benefícios que nos tem concedido, tanto a nós como à nossa Obra, e os quais eu me julgo indigno de os receber. Despedimo-nos de Maria e viemos para Leiria, onde tivemos que pernoitar por ser já tarde. Comemos e fomos passear. Procurámos o Cândido, mas não conseguimos falar-lhe. Depois lembrei-me que estaria para manobras.

Sentados num banco do jardim rezámos o nosso costumado Terço, mas agora já não era todo o nosso mundo, mas só os dois. No fim começaram a vir as primeiras saudades. Ela a lembrar-se que não tinha a quem pedir a bênção; eu a lembrar-me de todo o nosso pequenino mundo. Todos os rapazes me bailavam na memória mas os da Casa Dois é que andavam sempre na baila. Como tudo é belo. Depois de umas lágrimas fomos-nos deitar. No dia seguinte puzemo-nos a caminho do Tojal. Chegamos aqui não faltou os rapazes a rodearem-nos. Nesta altura estavam presentes o Senhor P.e Manuel António, Sr. Padre Sobral, Sr. José Maria, mais o Carlitos. No fim de nos darem boas vindas e ter cumprimentado fomos ver a nossa casa, da qual gostámos muito. Entrámos e encontramos tudo no seu lugar muito bem arrumado e com bons gostos. Tudo isto foi feito pelo Sr. Padre Baptista. Devido estar para Lisboa ainda não nos tinha falado. Quando chegou fomos-nos apresentar e conversámos um



A casa do Abel e da Idalina.

pouco. Depois fomos comer. Estava tudo em festa. O jantar meteu pato, mas o prejudicado fui eu que me tive de contentar em olhar. Os rapazes tiveram uvas de Setúbal; os mais velhos o tradicional cigarrito, e no fim um discurso feito pelo Alfredo em nome de todos os rapazes, mas especialmente pelos alfaíates. Houve muitas palmas até fazer doer a cabeça.

Tudo pronto, fomos até nossa casa arrumar a visita minha irmã. Chegado ao Pragal aonde ela se encontra fiquei muito triste pois que vi só minhas sobrinhas e meu cunhado; ela estava para

o hospital com doença nos pulmões. Ia a contar de fazer a ceia entre todos, mas não pôde ser. Foi só nós e o meu cunhado.

Regressámos ao Tojal aonde nos encontramos para sempre alegres e sorridentes. Ah! mas como é belo servir! Nunca lhe disse tais coisas, mas pode acreditar que é do coração que sai. Pode contar comigo para tudo que precise e que esteja dentro das nossas forças. Pois sempre para, por muito que eu trabalhe nunca chega para pagar tantos benefícios que a Obra me tem feito. Se sofrermos o amor que temos à Obra tudo faz esquecer.

## Chales de Ordins

Ordins prepara-se para, no próximo inverno, agasalhar meio mundo de gente. O carteiro vá contando já com um pouquinho mais de correspondência. Vales e mais vales de correio para a terra dos «Chales sem fim». O Chefe dos C.T.T. de Paço de Sousa vá-se armando de paciência para, em breve, receber Ordins, duas ou mais vezes por semana, com dezenas e dezenas de embrulhos para as mais variadas terras do País, nos quais se lê: «contém chales manufacturados em Ordins». Vá-me eu também enchendo de paciência e energias, que tudo será pouco, nessa altura. É meio mundo e as teceadeiras. Mas não queremos outro remédio que este: agasalhar-nos-emos, agasalhando primeiro os outros.

Braga e a Esquadra n.º 11 de Montejunto podem vir, quando quiserem. Homem prevenido vale por dois. Pois peçam já o que quiserem. Se alguém está indeciso, leia Lourenço Marques: «não calcula como fiquei encantada com o lindo chale, pois nunca pensei que fossem tão lindos, a minha Mãe está contentíssima e fica toda vaidosa quando põe o chale». Pude-ra! Aos indecisos queria mostrar-lhes Santos (Brasil), mas não o faço, por brevidade.

Beira (Moçambique) um dos pequenos com 100 na mão. Outra vez Beira com uma nota das grandes para 10 dos médios. Viseu vai ter a sorte de os distribuir pelos seus pobres.

Quem vive em regiões quentes lembre-se dos seus conterrâneos que, breve, sofrerão os rigores do Inverno. Quem na abundância lembre-se de legiões que sofrem a miséria.

Visado pela  
Comissão de Censura

O Hospital de Nazaré continua a ajudar-nos, por meio das suas Irmãs. Vai aqui Lisboa e aquela senhora que vem por um cada mês. De Caminha é um médico que espelha a sua alma nestas linhas: «tenho muitos filhos e grandes encargos na vida» e não foi pouco o que enviou.

Setúbal, agora com a labareda da sua Casa do Gaiato, diz ter seguido «como a maior simpatia a obra dos chales» e vem por um. Vila Nova de Fozcoia, Porto e Mirandela vão aqui juntinhos. Ribeira Brava (Madeira) mais uma vez. Matosinhos, Carracedo de Montenegro, Nespereira de Cima, Magueja e Gondomar são irmãos no pedir.

De Penafiel duas vezes 100 para a nossa Conferência. Só Deus sabe quem nos dá. Do Porto uma caixa de selos. De Lourenço Marques, para que as teceadeiras «possam criar um pouco de bom gosto no embelezamento do seu lar», recebeu-se toalhetes, taleigas, panos para a cozinha, pegas e o mais que adiante se promete. Muito mais que a beleza destas coisas pequeninas valem estas palavras de quem sofre há onze anos: «que Deus me vá dando sempre resignação, e uma jóia viva para levar a minha cruz, como Ele deseja que eu a leve». São de quem, de tão longe, se lembra de Ordins.

Uma vez mais, se prestam esclarecimentos.

MEDIDAS: Com grade, os chales grandes medem 1,98, os médios 1,86 e os pequenos 1,43. Sem grade, têm uns centímetros a mais. As medidas são tiradas em diagonal, com os chales nos quadros-teares. O fabrico é manual, pelo que as medidas podem variar algum centímetro, de teceadeira para teceadeira.

CORES: Branca, rosa, azul celeste, cinzenta, azul marinha, castanha clara e escura, bege, cardinal e preto. Mencione, no seu endereço, a sua outra cor, no caso da preferida estar esgotada.

PREÇOS: 125\$00 (grandes); 95\$00 (médios) e 65\$00 (pequenos). Não enviamos à cobrança. Dirija os pedidos e vales à Conferência de S. Vicente de Paulo de Ordins — Paço de Sousa.

Padro Aires

# MARÉ CHEIA

— Continuação da 1.ª Pág. —

Senhora, Medianeira de todas as graças, e por Pai Américo, dois, um de dezoito, outro de dezano-ve anos, quiseram e prepararam-se para subir um dia ao Altar de Deus. Um deles disse algo de como o Mestre se lhe revelou. Mas as lágrimas, nele e em todos nós, não o deixaram ir muito além.

Porém, Deus é imprescritível nos Seus desígnios. De muitas maneiras Ele se manifesta. Diversos são os Seus caminhos. Ali, dois quiseram deixar os seus officios já encetados pelo caminho que leva ao Altar de Deus. Um outro deixou este para servir por outra rota (que afinal conduziu ao mesmo Destino eterno), na generosidade plena duma doação que não reservou nada para si. O Crisanto de Setúbal, que como o Carlos do Tojal, há um ano vem suportando, quase sozinho, o peso tremendo de uma comunidade de setenta numa quinta de 32 hectares, deu o seu testemunho da condição indispensável ao chamado a «continuador»: Amor de servir; fuga de servir-se, na certeza de que Deus serve a quem O serve.

O «Nelas» de Miranda, voltou ao tema da dignificação do trabalho e de como o recto cumprimento dele é consequente a uma consciência bem formada e de quanto uma piedade sólida convém a este fim.

A Obra da Rua tem um «complemento racional e indispensável» que são os Lares, «instalados nas cidades e outros centros da indústria, aonde se possam obter facilmente colocações». Justamente aonde são mais numerosas e mais insidiosas as tentações. Por isso, «os seus habitantes são aqueles rapazes que tenham dado provas suficientes durante a sua permanência nas casas de formação e que tenham feito o exame de instrução primária. De outra sorte não».

Ainda com as maiores cautelas na observância deste «De outra sorte não», tem havido quedas e desgostos. E há sempre problemas que pedem solução.

O Rui foi de S. João da Madeira. Depois do Porto. Hoje continua lá e é o chefe. Hoje há ali um ambiente de ordem e bem estar que nos regala, mas ele é o primeiro a não me deixar (E se ele ralha!...): «Não se iluda. Não facilite. Estes rapazes precisam de continuar a sua formação e não vir das Casas enquanto a não tiverem sólida». Ele disse com uma autoridade como nenhum outro ali.

Mas, dado que a presença dos «padres da rua» nos Lares não poderá, Deus sabe por quanto tempo ainda, ser muito assídua e dado que o rapaz amanhã transita do nosso Lar para o seu, numa paróquia, não seria de aconselhar a inserção dos nossos rapazes na vida paroquial e, sobretudo, nos movimentos católicos da Juventude?

O «Sardinha» veio outro dia de Roma. Quentinho e entusiasmado com o espírito dos jocistas seus companheiros de viagem. Ele deu-nos a sua opinião.

A preparação profissional, a dignificação do trabalho, a for-

mação da alma, haviam sido já observados de vários ângulos, por vários rapazes. Mas o bom triunfo na vida e o melhor serviço da Obra exigem uma formação integral, que atinja o homem todo, corpo e alma, natural e sobrenatural. O Daniel falou do valor do desporto e da cultura na construção do homem perfeito.

Poderia, no entanto, pensar-se, depois de tudo isto, que tudo isto—trabalho, esforço de aperfeiçoamento do espírito nas ordens natural e sobrenatural—era tudo e era suficiente.

Seria uma ilusão a deitar por terra os valores reais que aquela meditação colectiva nos vinha oferecendo.

Ora nada vale senão pela Graça e com a Graça, que circula no Corpo Místico de Cristo. Somos e valem o que fôr e valer a nossa inserção na Igreja. A nossa Obra é um Rebentozinho do grande Tronco. Ela está integrada nos grandes movimentos de juventude e de apostolado de leigos, ao serviço da difusão da Verdade.

Devemos viver na nossa Obra as notas distintivas da Igreja: *Una e católica* («...Jamais a multiplicação (das Casas) venha nunca a prejudicar a sua Unidade»); *santa* (A verdade na vida, «sabendo que a eficácia da palavra que faz estremecer, provém não deles (os «padres da rua»), mas sim da total concordância entre o que dizem e o que realmente são»); e, consequentemente *apostólica*, irradiante de Cristo e Mãe de Cristandade.

Coube ao Júlio este encerrar. Padre Horácio, P.e Baptista e eu «metíamos a colher de vez em quando, mas a ideia provinha deles. A forma era deles. Obra deles, por eles. Só eles sabem o que querem».

Festa de Nossa Senhora das Graças. Quantas e quais nos têm sido concedidas! A gente sucumbe sob o varão da nossa pequenez. Como Deus é grande! O Mistério da Graça ministrada pelas mãos de homens pecadores!

Foi aos pés de Jesus Sacramentado que terminámos a nossa reunião.

## Tribuna de Coimbra

— Continuação da 2.ª Pág. —

*comprender a missão divina de cada um de nós.*

*Procurar que a criança não se sinta deslocada do seu meio pelo luxo da casa que agora habita, ou pela comida que come, ou pela cama em que se deita. Aliás, seria uma deformação.*

*Este ano, num dos nossos turnos, vieram embora doze pequenos, por vontade quase geral dos pais. Donde a culpa?*

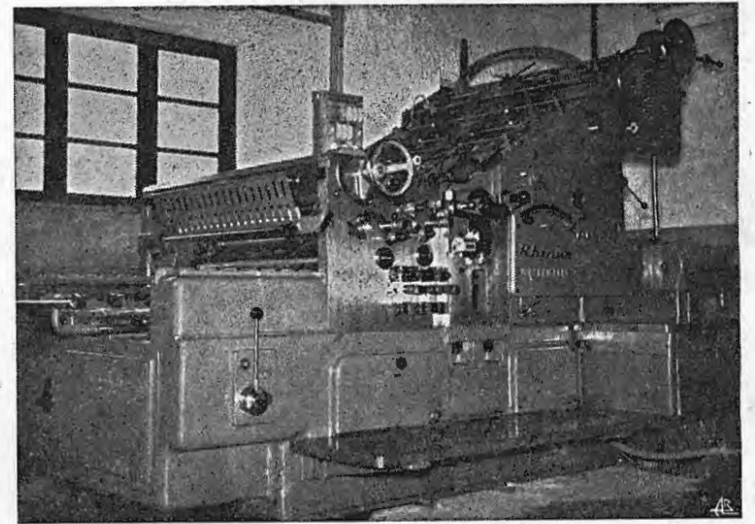
*— Da falta de responsabilidade e educação dos pais que se reflecte nos filhos e da falta de orientação de outras organizações de colónias que deixam a criança à solta. É pena. Estamos a fazer pouco por uma sociedade melhor.*

*Quem temos nós à frente de colónias de férias por esse Por-*

# ULTIMA HORA

## JOHANNISBERG

É costume dos «grandes» periódicos a «notícia da última hora». Pois com sua licença hoje não lhes ficamos atrás. Aqui vai uma bem fresquinha: este número de «O Gaiato» é o primeiro impresso na Johannisberg. Esteve para não ser, que isto de máquinas requer tempo e paciência. Mas o Sr. P.e Carlos tanto insistiu, tanto insistiu, que o mecânico operou o «milagre» — pôs a máquina a rolar. E nós com as coisas já dispostas para o contrário... Escusado será dizer o



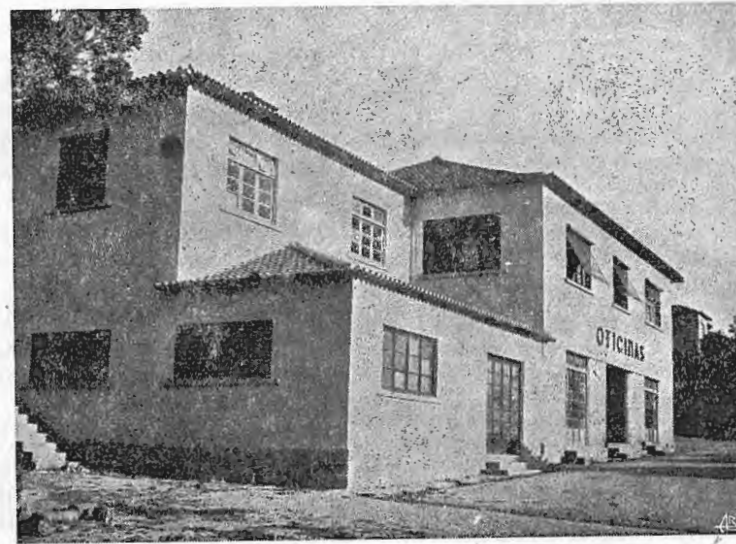
AO ALTO

Eis a máquina tão falada, desejada e, porque não?, tão formosa!

que práqui foi de alegria e confusão! Páginas transformadas de alto a baixo. Impressores maiores compositores — ninguém os segurava: «a máquina já anda!» Enfim, uma grande alegria e uma grande notícia!

AO LADO

O prédio da Tipografia. A placa diz «Oficinas», mas já lá vai o tempo... Na sala do cunhal, em frente, é o lugar da impressora.



# Reunião Familiar da Obra da Rua

*tuo. Sem este predicado, reinava o desentendimento e a força estava ausente.*

*Seriam todos a puxar em sentido oposto, pretendendo alcançar fins diferentes.*

*Aqui não tem sido assim. Pode haver um caso ou outro, mas não chega para ofuscar, sequer. A atestá-lo estão as obras bem palpáveis ao longo destes dezoito anos. O que é mais importante ainda. Quanto bem espiritual a todos nós. Quanta luz, quantas auroras novas não raiaram, nos barredos, curraleiras, bairros de folhas e de latas. Nos lugares mais lúgubres, onde nem sequer existia a luz do dia, passa a haver e a fazer explosões de Amor, a Luz do Alto.*

*Com 18 anos atingimos a adolescência e caminhamos para a maturidade. Continuamos a ser a palavra nova que inspira, confunde, tal o fulgor.*

*Já atingimos proventura o cume? Não senhor. Longe disso. Andamos muito e andamos pouco. Muito quanto ao tempo. Pouco, porque pretendemos muito mais. Ficar próximo da meta o mais possível. Pretender ganhar*

*tugal fora? Qual a formação e preparação que têm? Qual a organização para preparar bons orientadores? Eis o primeiro passo.*

Padre Horácio

— Continuação da 1.ª Pág. —

*mais etapas, para valorizar, continuar sempre em linha ascendente.*

*Como não podia deixar de ser, o problema número 1, foi o rapaz. Dar-lhe uma formação total: Religiosa, Profissional, Desportiva e Cultural, para que possa vencer! Torná-lo um elemento útil e estimado na nossa sociedade.*

*É preciso alimentar, fazer nascer a ansia constante de valorização pessoal, adquirindo conhecimentos para que amanhã não seja um empecilho, mas uma pessoa desempoeirada, rasgada e de iniciativa. Sendo assim, novos horizontes se rasgaram, e podemos olhar o futuro na certeza de vitória.*

*Alegremo-nos, por termos a felicidade de nos encontrarmos aqui reunidos. Não faltam boas vontades. Todos disseram desempoeiramente, com franqueza. Estão aqui muitas vontades de progredir e de arrastar os outros irmãos na mesma ascensão.*

*Alegremo-nos também porque tomam hoje conta dos seus cargos os padres mais novos. Muito a propósito, respigamos da Regra da Obra da Rua, onde Pai Américo diz:*

*«O Padres da Rua são, dentro da Obra, o toque espiritual das almas que lhes estão con-*

*fiadas. Eles são por natureza o pai de famílias; o homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a morte».*

*À sua voz, em coro, responderam os «Irmãos mais velhos».*

*Se eles os sacrificados, também nós, os chefes, teremos de abrir as portas de par em par, dando guarida às suas mágoas. Permitir que nos deixem a semente com abundância.*

*Depois, mais responsabilidade. Se deixarmos os outros irmãos passar fome caímos em falta grave.*

*«O objecto principal e total da Obra, é o Rapaz».*

*Para os escolhidos, o complemento directo deve ser a Obra. Estar com ela. Vivê-la. Sacrificarmo-nos por ela, como ela por nós. Nada mais se faz do que ser gratos e o sentido da gratidão é muito lindo. Não devemos ser um peso bruto, mas uma força que se deixa guiar e guia por uma estrada de Amor.*

*Esta festa terminou com o almoço melhorado, servido na Casa da Mata, onde nem sequer faltou a Rabelada Regional. Terminou no meio de grande disposição e sã alegria. Neste pormenor, tenho a destacar o Sr. P.e Horácio, Sr. P.e Baptista e o Sr. Padre Acílio. E, como já se sabe, a malta não deixou os seus créditos por mãos alheias!*